Economias de Guerra e Grupos Insurgentes: um estudo sobre o Estado Islâmico-Khorasan (ISIS-K)

War Economies and Insurgent Groups: A Study of the Islamic State-Khorasan (ISIS-K)

Rev. Bras. Est. Def. v. 13, e026017, 2026, p. 1–23
ISSN 2358-3932

AUREO TOLEDO
LETÍCIA BUZÁ FERREIRA

INTRODUÇÃO

Desde o final da Guerra Fria, investigações sobre guerras civis, terrorismo e grupos jihadistas transnacionais passaram a atrair cada vez mais interesse. Todavia, os enquadramentos usuais transitaram entre dois polos. De um lado, apontava-se o suposto ineditismo desses fenômenos. À guisa de ilustração, a tese de um dito "novo terrorismo" (ver Kurtulus 2011) afirmava que tais ações expressariam uma nova onda de ações que carecem de motivações ideológicas e políticas claras, ancoram-se sobretudo em razões religiosas e fazem uso indiscriminado da violência contra civis. Já Mary Kaldor (2012) afirmava que as "novas guerras" seriam informadas pela política identitária, isto é, a reivindicação ao poder com base em uma identidade particular. De outro lado, modelos economicistas interpretavam a violência armada como meramente busca por renda e lucro (Collier Hoefler 2004).

Tais controvérsias, além de não escaparem de críticas (ver Kalyvas 2001; Cramer 2002), contribuíram para constituir o que vem se convencionando chamar de *estudos sobre violência política organizada*. Sinteticamente,

Aureo Toledo é doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP). Professor de Relações Internacionais e Estudos para Paz na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Uberlândia, MG, Brasil. Coordenador do Núcleo de Pesquisas em Paz, Segurança Internacional e Estudos Estratégicos da Universidade Federal de Uberlândia (Nupsiee-UFU). **Contribuição do autor:** responsável pela elaboração do enquadramento teórico e análise empírica. Orcid.org/0000-0002-6083-0562. E-mail: aureotoledo@ufu.br.
Letícia Buzá Ferreira é mestranda em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pesquisadora do Núcleo de Pesquisas em Paz, Segurança Internacional e Estudos Estratégicos da Universidade Federal de Uberlândia (Nupsiee-UFU). **Contribuição do autor:** responsável pela coleta de dados e análise empírica. Orcid.org/0000-0003-4015-8382. E-mail: leticia.buza@ufu.br.

tais estudos ampliam o escopo teórico e empírico dos debates sobre conflitos, avançando em temas como a categorização fenomênica da violência e o comportamento estratégico dos atores; as microdinâmicas de recrutamento, as lógicas da violência e as estruturas de governança de grupos armados; e a interação entre grupos armados e processos eleitorais, redes de conexão transnacional dos conflitos (Staniland 2024).

Dentro desse campo, ganha centralidade o conceito de economia de guerra, entendido como um conjunto de relações e incentivos econômicos que sustentam, prolongam e moldam a violência política. Em contextos de fragilidade institucional, a incapacidade estatal de prover segurança cria condições para a consolidação de economias ilícitas exploradas por grupos insurgentes. No entanto, essa funcionalidade lucrativa do conflito não se restringe a Estados considerados frágeis. Estados considerados fortes também podem se inserir nessas dinâmicas ao orientar projetos de construção da paz e fluxos financeiros segundo seus próprios interesses estratégicos e de política externa. Dessa forma, além de colocar a economia política no centro da análise de conflitos, este enquadramento aponta que tanto a atuação insurgente quanto a intervenção de potências externas podem convergir para transformar o conflito armado em um sistema econômico funcional (Cooper Pugh e Goodhand 2004; Peterson 2014; Duffield 2001).

É a partir desse pano de fundo que pretendemos discutir o Estado Islâmico-Khorasan (ISIS-K), ramificação regional do Estado Islâmico (ISIS) que emergiu a partir de 2014 no Afeganistão e no Paquistão. A ascensão do ISIS-K ocorreu em um ambiente marcado por décadas de intervenções externas, conflitos armados e vácuos prolongados de poder. A trajetória do grupo sugere que sua consolidação está profundamente associada à economia de guerra afegã, caracterizada pela intervenção externa estadunidense (2001-2021), assim como pela exploração de recursos locais, tributação coercitiva da população e financiamento externo proveniente de redes transnacionais (Giustozzi, 2018). Ademais, desenvolvimentos empíricos recentes também justificam uma análise do ISIS-K. Desde a saída das tropas dos EUA do Afeganistão, o grupo passou a chamar a atenção enquanto ameaça no cenário regional e internacional. São atribuídos a ele atentados não apenas no Afeganistão, mas também no Paquistão,[1] Irã,[2] Rússia[3] (ODNI 2025) e ataques abortados na Alemanha e Áustria entre 2020 e 2024 (Krause 2025). A despeito de uma queda de atividades em 2025, explicadas sobretudo por asfixia financeira, células desmanteladas e desarticulação de suas redes digitais, restringindo o grupo a operar no Afeganistão e Paquistão (Basit 2025), o ISIS-K tem se mostrado historicamente resiliente e não está derrotado.

Propomos assim a seguinte questão: em que medida a inserção em uma economia de guerra molda não apenas a sustentação material, mas a própria lógica organizacional e o comportamento de grupos caracterizados por forte rigidez ideológica? Metodologicamente, adotamos o estudo de caso interpretativo (Vennesson 2008), em que se utiliza a literatura de economias de guerra para examinar este fenômeno particular. A seleção do ISIS-K justifica-se por ser um caso típico e representativo uma vez que o grupo apresenta características alinhadas aos modelos teóricos da área, oferecendo um cenário interessante para observar a aderência dos mecanismos propostos pela literatura (Seawright e Gerring 2008). Para tanto, realizamos uma análise de correspondência, verificando se as evidências empíricas retiradas de relatórios de *think tanks* e da literatura secundária sobre o grupo são congruentes com as proposições teóricas sobre a sustentação insurgente.

Argumentamos que longe de ser um mero reflexo logístico ou um subproduto passivo da violência, a economia de guerra atua como uma variável estruturante do conflito. Ao examinar o ISIS-K, apontamos que a dicotomia teórica tradicional da literatura de insurgência, que opõe rebeliões mercenárias/oportunistas a movimentos ativistas/ideológicos (ver Weinstein 2006), é insuficiente para capturar a complexidade do extremismo contemporâneo. Tal achado revela um arranjo híbrido: a abundância de dotações econômicas ilícitas e externas viabiliza financeiramente a criação e manutenção de uma sofisticada máquina de produção simbólica e doutrinação ideológica.

Com este desenho de pesquisa, buscamos contribuir para a academia brasileira nos campos de Segurança Internacional e Estudos para a Paz, visto que, sob nossa perspectiva, ainda há uma carência de trabalhos inteiramente dedicados ao ISIS-K. Ademais, a proposta dialoga com o debate internacional contemporâneo ao oferecer um foco analítico distinto de obras de destaque sobre o tema, como as citadas a seguir.

Historicamente, Giustozzi (2018) produziu uma das análises mais exaustivas sobre o grupo, examinando suas origens desde a ascensão do Estado Islâmico Central até meados de 2017. Em perspectiva complementar, Osman (2016) rastreou a gênese do ISIS-K a partir de militantes paquistaneses deslocados para a província de Nangarhar, detalhando como esses atores se integraram ao Estado Islâmico e romperam as relações inicialmente estáveis com o Talibã e o governo afegão. Com base em dados coletados até 2017, Lushenko, Van Auken e Stebbins (2019) argumentaram que o ISIS-K se consolidou como uma filial regional viável do Estado Islâmico e com aspirações expansionistas para o Sul e Centro da Ásia. Por conseguinte, o enfrentamento ao grupo exigiria medidas que extrapolas-

sem a contrainsurgência tradicional, demandando o fortalecimento institucional do governo afegão então apoiado pelos EUA.

No que tange ao período pós-retirada das tropas dos EUA do Afeganistão, ocorrida em 2021, ao menos três trabalhos se destacam. Jadoon e Mines (2023) buscaram compreender a resiliência e sobrevivência do ISIS-K sobretudo durante o período de intervenção estadunidense. Segundo os autores, o grupo adotou uma estratégia de duas frentes, em que buscou cultivar alianças e fusões com outros grupos armados na região, assim como provocou rivalidades estratégicas entre grupos dominantes militantes na região, como o Talibã e a Al-Qaeda. Já Omarkhalil e Guozhu (2023) analisaram as interações entre o ISIS-K e o Talibã, particularmente após a retirada das tropas dos EUA. Os autores argumentam que o atual governo afegão vem conseguindo suprimir e controlar o ISIS-K no país mediante extensas operações militares e de inteligência, e apontam também que a ideologia Salafista do ISIS-K tem pouca tração e limita seu recrutamento na sociedade afegã.

Finalmente, Campbell, Bunker e Bunker (2024) avaliam a evolução e a projeção de poder do ISIS-K, apontando sua transição de uma insurgência local no Afeganistão/Paquistão para uma ameaça terrorista transnacional capaz de conduzir ataques mortais em países como Irã e Rússia. Os autores destacam também que o sucesso operacional e a expansão global do ISIS-K estão relacionados à estratégia de mídia. Diferente de outras filiais do Estado Islâmico, o grupo opera uma arquitetura de mídia independente mediante *al-Azaim Media Foundation*, seu ramo oficial de propaganda.

O artigo possui quatro seções, excetuando-se esta introdução. Na seção seguinte, revisamos a literatura teórica que informa nosso estudo de caso e, ao final, apresentamos nossos eixos de análise constituídos pelo (i) contexto de origem, (ii) base material e dotações e (iii) estratégias de recrutamento. Em seguida, realizamos a análise empírica mediante três seções, cada uma dedicada a um dos eixos analíticos previamente discutidos. Por fim, apresentamos nossas considerações finais.

ECONOMIAS DE GUERRA E GRUPOS INSURGENTES

O estudo sobre grupos insurgentes ganhou maior sofisticação analítica e empírica sobretudo a partir de meados dos anos 2000. Obras como a de Weinstein (2006) e Staniland (2014) buscaram discutir tais organizações mediante foco em suas estruturas institucionais, na lógica de utilização da violência política e enquadrando a rebelião como um problema de ação coletiva. Tais propostas romperam com visões essencialistas das teses sobre o "novo terrorismo" e as "novas guerras", assim como superaram os mode-

los economicistas e contribuíram para o refinamento das análises. Nosso trabalho, contudo, acrescenta mais uma dimensão a essa discussão mediante o conceito de economia de guerra.

Assim, partimos da definição de economia de guerra proposta por Jenny Peterson (2014), complementada pelas perspectivas de Duffield (2001) e Cooper, Pugh e Goodhand (2004). Para Peterson, as economias de guerra são relações e transações econômicas que causam, sustentam ou prolongam a violência política, ou instâncias em que atores lucram com as hostilidades. Sob esse raciocínio, o financiamento externo flui de agentes beneficiados pela violência, enquanto a escassez local compele à exploração de rendas ilícitas. Cria-se um ciclo vicioso onde o lucro e a fragilidade institucional se reforçam; assim, embora as trocas econômicas possam não ser a causa inicial, elas tornam-se intrínsecas à trajetória do conflito.

Nesse sentido, Duffield (2001) argumenta que a guerra não é apenas o colapso de um sistema, mas a criação de uma ordem alternativa de lucro e poder. No cenário pós-Guerra Fria, a redução do financiamento ostensivo das superpotências de outrora conferiu maior autonomia financeira aos conflitos civis. A retração do apoio direto impulsionou a descentralização, forçando insurgentes a dependerem da extração predatória de recursos naturais e da integração a sistemas ilícitos para viabilizar seus objetivos. Essas conexões regionais articulam o contrabando e o crime transnacional a vínculos políticos, gerando receitas que minam a capacidade formal do Estado e transferem recursos a grupos que buscam contestar sua soberania.

Na ausência de provisão estatal, redes informais baseadas em vínculos políticos não necessariamente estatais emergem para coordenar a distribuição de bens essenciais. Tais atores adquirem influência política significativa ao oferecerem segurança e suporte material, integrando-se profundamente às economias de guerra locais. O resultado é uma rede complexa onde fontes alternativas de renda provocam mudanças permanentes nas estruturas territoriais pré-conflito e que sustentaram esforços de guerra. Ademais, essas redes insurgentes interconectam-se aos mercados financeiros globais, explorando lacunas regulatórias em estruturas cada vez mais transnacionais (Duffield, 2001).

Face ao exposto, torna-se urgente promover a transição para economias de paz, embora intervenções e ajudas humanitárias não sejam neutras. Por trás de projetos tecnocráticos residem escolhas políticas orientadas pelos interesses estratégicos dos doadores, que frequentemente se sobrepõem à construção da paz. Como nota Peterson (2014), motivações econômicas criam também barreiras severas à resolução de conflitos, pois o auxílio externo pode acabar intensificando a violência mediante manipulação de sistemas fiscais. Em suma, fatores econômicos exercem influência decisiva

na evolução e complexidade das guerras contemporâneas, afetando as esferas social e política muito além do início das hostilidades.

Cabe agora acrescentar o argumento proposto por Jeremy Weinstein (2006). O autor parte da premissa de que grupos insurgentes enfrentam cinco grandes desafios para sua sustentação. Em primeiro lugar, tem-se o desafio do recrutamento, isso é, motivar a participação, obtendo recrutas de alta qualidade. O segundo desafio é o do controle, particularmente garantir que os combatentes sigam ordens. Há ainda a questão da governança, qual seja, gerir civis em áreas de controle territorial. Ademais, tem-se a problemática da gestão da violência, sobretudo a punição de indivíduos ou grupos por atos de deserção. Finalmente, há a dimensão da resiliência, ou seja, manter a filiação rebelde ao longo do tempo (Weinstein 2006, 12). Segundo o autor, o caráter da violência insurgente seria então determinado pelas condições iniciais e pelo tipo de recursos que os líderes rebeldes enfrentam ao formar a organização. Essas dotações moldam o perfil dos recrutas, a estrutura interna do grupo e sua relação com os não combatentes.

Dentre os tipos de dotações, Weinstein identifica dois principais. De um lado, *dotações econômicas* fariam referência a elementos concretos e imediatos, como extração de recursos naturais, tributação, atividades criminosas ou patrocínio externo. O acesso fácil a esses recursos permite que os líderes ofereçam salários e equipamentos desde o início, atraindo indivíduos motivados por recompensas materiais imediatas. Por outro lado, *dotações sociais* compreendem identidades compartilhadas, normas de reciprocidade e redes interpessoais pré-existentes (étnicas, religiosas ou ideológicas, por exemplo). A mobilização baseada nessas dotações é mais lenta, exigindo anos de educação popular ou ativação de redes de solidariedade, mas permite que os indivíduos se comprometam em troca de promessas de recompensas futuras. Como argumenta Malešević (2010) as redes de solidariedade no nível micro são a engrenagem humana indispensável da guerra, pois fornecem a ancoragem moral e o suporte emocional necessários para que os indivíduos atuem coletivamente em situações de conflito.

A depender da dotação inicial à disposição, podemos ter tipos distintos de grupos. Segundo o autor, *rebeliões oportunistas* surgem em ambientes ricos em dotações econômicas. Por oferecerem ganhos rápidos e baixo risco, atraem "consumidores" — recrutas com orientação de curto prazo e compromisso ideológico restrito. Weinstein ainda argumenta que esses grupos têm dificuldade em disciplinar seus membros, resultando em indisciplina, saques e violência indiscriminada contra civis, uma vez que não dependem do consentimento da população para extrair recursos. Em contrapartida, *rebeliões ativistas* tendem a prosperar em contextos de escassez financeira, dependendo de dotações sociais. Por ser uma participação arriscada e

sem ganhos imediatos, atraem "investidores" altamente comprometidos. Segundo Weinstein, esses movimentos exibem maior disciplina e controle interno, empregando a violência de forma seletiva e estratégica. Para sobreviverem, precisam estabelecer pactos de governança com civis para obter alimentos e informações.

Nosso reparo a Weinstein (2006) é o entendimento de que tais tipos ideais não são completamente antagônicos e um grupo pode exibir características de ambos. Logo, ao articular a noção de economia de guerra como uma ordem alternativa de poder e lucro (Duffield 2001; Peterson 2014) com os desafios organizacionais de Weinstein (2006), propomos que as dotações econômicas e sociais não operam em soma-zero. Em organizações contemporâneas complexas, a base material extrativa e transnacional não neutraliza o apelo ideológico, tampouco culmina em fragmentação organizacional. Ao contrário, ela subsidia os custos de transação necessários para disseminar a propaganda, cooptar redes preexistentes e expandir a influência ideológica. Assim, propomos arcabouço analítico estruturado em três eixos.

O *contexto de origem* concentra-se nas condições de emergência do ISIS-K, destacando como a desarticulação estatal e as intervenções externas criaram o vácuo de poder necessário para sua instalação. Conforme Peterson (2014) e Duffield (2001) apontam, entendemos que este ponto é chave para a compreensão de como o desengajamento de grandes potências e/ou intervenções desestabilizadoras reconfiguram os incentivos para a violência política. No segundo eixo, *base material e dotações*, a análise debruça-se sobre a economia de guerra que sustenta o grupo. Aqui, investigam-se as dotações econômicas, tais como a exploração de recursos naturais e redes de financiamento transnacionais, que conferem ao ISIS-K a autonomia necessária para operar à revelia do apoio popular local. Finalmente, o eixo *estratégias de recrutamento* examina os meios utilizados para angariar combatentes. Informados pela tipologia de Weinstein (2006), analisaremos como a abundância de recursos permite ao ISIS-K implementar um modelo de recrutamento com características híbridas. Em linhas gerais, há forte priorização de incentivos materiais e salários elevados, mas que não dispensam vínculos ideológicos ou identitários.

A ECONOMIA DE GUERRA DO ISIS-K

Contexto de origem

Para compreender o surgimento do ISIS-K, é necessário recuar à genealogia mais ampla do Estado Islâmico enquanto organização transna-

cional. O grupo tem sua origem nas ações de Abu Musab al-Zarqawi, jihadista jordaniano que, após ser preso nos anos 1990, passou a difundir uma interpretação radical do salafismo jihadista. Com a invasão estadunidense ao Iraque em 2003, Zarqawi explorou o vácuo de poder instaurado e a exclusão sistemática da população sunita promovida pelo novo governo iraquiano, fatores agravados pela dissolução do exército e pela política de *desbaathificação*,[4] que alimentaram o recrutamento insurgente. Em 2004, declarou lealdade a Osama bin Laden e fundou a Al-Qaeda no Iraque, ainda que mantivesse autonomia estratégica (Stern e Berger 2015; Gerges 2021).

Após sua morte, o grupo se reorganizou sob a denominação de Estado Islâmico do Iraque, incorporando ex-oficiais baathistas e fortalecendo sua capacidade operacional. A eclosão da Guerra Civil Síria, em 2011, forneceu a plataforma para uma nova expansão territorial e política, culminando na formação do Estado Islâmico do Iraque e da Síria (ISIS) e na proclamação do Califado em 2014 (Gomes e Mikhael 2018; Domingos 2018).

É nesse contexto de ascensão do ISIS que emerge o ISIS-K, estabelecido em 2015 mediante fusão entre militantes dissidentes do Tehrik-e Taliban Pakistan (TTP) e guerrilheiros islâmicos já presentes no território afegão e gozando de relativa autonomia operacional. Essa autonomia confere ao ISIS-K prerrogativas para tomar decisões próprias em matéria de operações militares, aquisições, salários, recrutamento e orçamento, sem necessidade de consultar a cúpula central. Conforme o ISIS foi perdendo território e influência no Oriente Médio, o Afeganistão passou a ocupar posição cada vez mais estratégica em seu projeto de califado global, recebendo investimentos financeiros substanciais destinados a fortalecer a ramificação regional (Giustozzi 2018).

O ISIS-K, portanto, não é um fenômeno isolado, mas o produto de uma confluência entre fragilidades internas no movimento Talibã e dinâmicas transnacionais. No que diz respeito à crise interna do Talibã, o principal fator facilitador foi a erosão de seu monopólio sobre a insurgência afegã, decorrente de divisões profundas e de uma grave crise de sucessão. A revelação, em 2015, de que o Mulá Omar havia morrido dois anos antes e que a liderança do grupo vinha emitindo ordens em seu nome de forma fraudulenta, provocou uma ruptura de credibilidade sem precedentes. Estima-se que aproximadamente 1.800 combatentes abandonaram as fileiras do Talibã de Quetta naquele verão, muitos deles migrando para o ISIS-K em razão do descontentamento com a cúpula (Giustozzi 2019). Esse processo foi amplificado pela incapacidade do Talibã de agir de forma coesa: o surgimento de *shuras* dissidentes (como a de Mullah Rasool) e a marginalização de comandantes experientes geraram um vácuo de autoridade que o ISIS-K soube preencher, oferecendo melhores condições

financeiras e uma identidade ideológica transnacional mais rígida e coerente (Giustozzi 2019).

Outro fator importante foi a pressão geopolítica exercida pelas operações militares paquistanesas, em especial a Operação *Zarb-e Azb*, que empurrou milhares de militantes do TTP para o lado afegão da fronteira (Ibrahimi e Akbarzadeh 2019). Esses combatentes adentraram o leste do Afeganistão como *muhajerin* (migrantes em busca de refúgio), invocando as obrigações morais do código *pashtun* para se estabelecerem junto a comunidades locais. O núcleo inicial do ISIS-K em Nangarhar foi precisamente formado por esse contingente de ex-combatentes do TTP, que encontrou no enfraquecimento do Talibã local uma janela de oportunidade para se consolidar territorialmente (Giustozzi 2019).

Paralelamente, a participação da Rede Haqqani[5] em frentes de batalha na Síria e no Iraque entre 2012 e 2014 funcionou como uma ponte ideológica, abrindo caminho para a disseminação de ideias pró-ISIS no interior do contexto afegão. A retirada das forças de combate da OTAN em 2014 aprofundou esse processo: o fim do inimigo comum aprofundou as tensões internas entre grupos insurgentes e criou condições favoráveis à entrada de novos atores no campo militante (Giustozzi 2019).

Mais um fator relevante foi o erro de cálculo estratégico cometido pelo próprio governo afegão. A partir de 2010, o Serviço Nacional de Inteligência afegão (NDS) passou a tolerar e, em certos casos, a facilitar a instalação de militantes paquistaneses no leste do país, na expectativa de utilizá-los como instrumento de pressão contra o Talibã afegão e contra o governo de Islamabad. Anciãos tribais de clãs como os *Shinwari* também acolheram esses grupos, vislumbrando neles aliados potenciais em disputas locais por terra e poder. Como resultado, os militantes receberam liberdade de circulação, acesso a serviços hospitalares governamentais e permissão para construir fortificações e escolas religiosas em território afegão. O equívoco dessa estratégia tornou-se evidente quando, em 2015, esses grupos declararam lealdade ao Estado Islâmico Central e iniciaram uma campanha brutal de violência contra os próprios anciãos que os haviam acolhido, forçando o deslocamento em massa de populações locais. A tolerância inicial havia permitido o transporte de grandes carregamentos de armas do Paquistão para o vale de Mamand, na cordilheira de Spin Ghar, lugar que se tornou o quartel-general do ISIS-K (Osman 2016). Este episódio é fundamental para ilustrar como o ISIS-K soube transformar a ingenuidade e os interesses divergentes dos atores locais em condições favoráveis à sua própria consolidação.

Por fim, a dimensão geopolítica regional completa o cenário. A percepção do Irã e da Rússia de que o ISIS-K seria um "projeto saudita" destinado

a desestabilizar seus aliados na região levou esses países a estreitarem vínculos com o Talibã, utilizando-o como força de contenção. Ademais, a dependência generalizada dos grupos insurgentes de financiamento externo criou uma vulnerabilidade estrutural: quando doadores cortavam recursos, seus comandantes tornavam-se alvos fáceis de cooptação e recrutamento pelo ISIS-K, que utilizava sua dotação econômica como principal instrumento de atração (Giustozzi 2019).

Em síntese, o ISIS-K não emergiu apesar das estruturas existentes, mas por meio delas e nos espaços por elas deixados, corroborando os apontamentos de Peterson (2014), Duffield (2001) e Cooper, Pugh e Goodhand (2004) sobre a emergência de economias de guerra. Vácuos de poder, cálculos estratégicos equivocados, deslocamentos forçados de militantes e rivalidades geopolíticas regionais convergiram para criar as condições nas quais o grupo pôde não apenas surgir, mas construir bases sólidas antes mesmo de ser reconhecido como ameaça pelos atores que contribuíram para seu nascimento.

Base material e dotações

Para manter sua influência e capacidade operacional, o ISIS-K recorre a múltiplas fontes de financiamento, que incluem a tributação e as "contribuições" compulsórias de populações locais, repasses do Estado Islâmico Central e recursos provenientes de doadores externos. Entre as fontes de receita, destacam-se o tráfico de opioides nas províncias de Nangarhar, Helmand e Zabul, atividades de mineração diversificadas, financiamento externo oriundo, sobretudo, dos Emirados Árabes Unidos, da Arábia Saudita, do Qatar e do Paquistão (Giustozzi 2018), assim como exploração de mercados negros de minerais e madeira (Jadoon e Mines 2023) e controle direto de minas e estradas (Strachota 2024).

Em seus meses iniciais de atuação em Nangarhar em 2015, o ISIS-K contou com o suporte logístico e financeiro inicial da estrutura central do Estado Islâmico, provendo seus próprios recursos sem exigir subsistência direta da população local. Contudo, seguindo a orientação do Estado Islâmico Central para que as províncias se tornassem financeiramente autossuficientes, o grupo passou a arrecadar fundos localmente por meio da cobrança de impostos sobre a agricultura e o comércio, extorsão em postos de controle e exploração do mercado negro de madeira e minérios (Osman, 2016).

Em meados de 2015, uma fonte de alto escalão do ISIS-K estimou a receita anual do grupo em aproximadamente 25 milhões de dólares, excluindo tributos arrecadados em espécie. Dados complementares, provenientes

da Comissão de Finanças do grupo, indicam que, no primeiro semestre de 2016, o ISIS-K arrecadou 33 milhões de dólares em impostos, valor que representou, paradoxalmente, uma queda em relação ao ano anterior, atribuída à proibição do cultivo de ópio imposta pelo líder Al-Afghani. No outono de 2015, as principais fontes de receita fiscal incluíam o comércio de ópio em Nangarhar, Helmand e Zabul e a exploração de minas em Badakhshan e no distrito de Achin, em Nangarhar (Giustozzi 2018).

Ao longo de 2016, o ISIS-K ampliou sua presença no setor extrativista, assumindo o controle direto ou tributando atividades de mineração em diversas regiões, com extração de mármore, talco, pedras preciosas, urânio e carvão. Em determinados casos, o grupo gerenciou integralmente as operações, incluindo o transporte e a comercialização dos minerais, enquanto em outros optou por tributar as empresas do setor, com alíquotas que variavam de 200 a 500 rúpias paquistanesas[6] por tonelada (conforme o material), 1.500 rúpias[7] por cavalo transportando madeira, ou 20% sobre o valor de pedras e minerais preciosos (Giustozzi 2018). Além disso, o ISIS-K passou a cobrar impostos sobre o fornecimento de eletricidade e água, bem como sobre atividades comerciais em geral. Sua política tributária demonstrava seletividade: evitava onerar agricultores em situação de vulnerabilidade econômica, concentrando a cobrança sobre lojistas e populações de maior poder aquisitivo nas áreas sob seu domínio territorial (Giustozzi 2018).

No que concerne ao financiamento externo, o ISIS-K dependeu inicialmente dos repasses do Estado Islâmico Central. Essa fonte, no entanto, sofreu uma redução de aproximadamente 22% em 2016, em consequência do enfraquecimento progressivo do ISIS no Oriente Médio. Para compensar a queda, foi criada a Comunidade de Apoio aos Mujahideen, com escritórios nos Emirados Árabes Unidos, na Arábia Saudita, no Qatar e em outros países. A organização recebia recursos transferidos por doadores privados e, supostamente, estatais no exterior, com parcela expressiva proveniente de empresários, prestadores de serviços governamentais e indivíduos de alta renda, principalmente da Arábia Saudita e dos países do Golfo Árabe. Esses recursos eram canalizados por meio do sistema informal de remessas *hawala* e, em menor escala, por transações comerciais formais (Giustozzi 2018).

Segundo dados de 2025 (Basit 2025), o ISIS-K vem enfrentando grandes desafios financeiros. Essa crise de sustentação decorre de mudanças estruturais na região, visto que, após o retorno do Talibã ao poder em 2021, tornou-se cada vez mais difícil para o grupo garantir recursos por meio de canais tradicionais, forçando uma transição gradual e uma forte dependência de fontes não tradicionais, especificamente as criptomoedas.

Por conseguinte, o ISIS-K passou a enfrentar sérias dificuldades até mesmo para pagar os salários de seus combatentes no Afeganistão. Para tentar contornar a escassez financeira, o grupo passou a divulgar códigos QR em suas publicações de propaganda nos últimos meses, apelando por doações em moedas digitais. Apesar do anonimato e da segurança desse formato, o modelo atual esbarra em limitações geográficas e estruturais, uma vez que as criptomoedas não conseguem substituir plenamente a capilaridade e a eficiência das fontes tradicionais de financiamento na região do Afeganistão e do Paquistão (Basit 2025).

Tabela 1 — Principais fontes de renda do ISIS-K

Fonte de renda	Origem / forma de obtenção
Tributação local	Populações sob controle do grupo; incidência sobre comércio, transporte (caminhões), eletricidade, água e atividades econômicas em geral.
Tributação sobre agricultura	Produção agrícola local (com exceção do cultivo de papoula após proibição em 2015).
Tráfico e comércio de opioides	Províncias de Nangarhar, Helmand e Zabul; inclui controle de refinarias de heroína e taxação da produção.
Mineração e setor extrativista	Regiões como Badakhshan e Achin (Nangarhar); exploração direta ou taxação de mármore, talco, pedras preciosas, urânio e carvão.
Exploração florestal	Tributação e controle sobre produção de madeira, incluindo taxas sobre transporte.
Sequestros	Prática sistemática com centenas de casos registrados até 2015.
Contrabando	Taxação de atividades ilegais de comércio e circulação de mercadorias.
Repasses do Estado Islâmico Central	Apoio financeiro e logístico inicial proveniente da estrutura central do ISIS (reduzido após 2016).
Doações externas privadas	Principalmente de Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita, Qatar e Paquistão.
Rede "Comunidade de Apoio aos Mujahideen"	Estrutura internacional de captação com doadores de alta renda, empresários e prestadores de serviços governamentais (especialmente de países do Golfo).
Criptomoedas (sobretudo pós-2021)	Doações via moedas digitais.

Fonte: autoria própria a partir das fontes consultadas.

Face ao exposto, podemos afirmar que o ISIS-K se consolidou como um grupo consideravelmente bem financiado (Osman 2016), característica que, à luz da teoria de Jeremy Weinstein, permite classificá-lo predominantemente como uma rebelião oportunista, ainda que apresente importantes traços híbridos. Ao contrário de organizações insurgentes que dependem do consentimento civil para garantir sua sobrevivência, o ISIS-K emergiu com ampla disponibilidade de recursos: recebeu financiamento inicial massivo do ISIS e desenvolveu uma economia local diversificada, ancorada no contrabando de madeira em Kunar e na mineração ilícita de talco, mármore e pedras preciosas. Essa abundância de recursos permitiu ao grupo oferecer salários superiores aos pagos pelo Talibã, atraindo recrutas motivados predominantemente por incentivos materiais de curto prazo. Além disso, grupos com acesso abundante a recursos e compostos por recrutas "consumidores" tendem a praticar níveis mais elevados de violência indiscriminada e brutal, o que se verifica na brutalidade característica da atuação do ISIS-K — expressa, entre outras formas, em execuções teatralizadas e ataques indiscriminados.

Todavia, embora a base material o incline para o oportunismo, o ISIS-K também se utiliza das dotações sociais (elementos das "rebeliões ativistas", segundo caracterização de Weinstein) para se sustentar. A propagação do salafismo-jihadista e a narrativa transnacional de um "Califado Global" funcionam como instrumentos de distinção em relação ao Talibã — de orientação nacionalista e filiação à escola jurídica Hanafi —, conferindo ao ISIS-K um apelo ideológico próprio (Ibrahimi e Akbarzadeh 2019). Conforme apontam Jadoon e Mines (2023, 50), "o crescente apelo do jihadismo salafista entre os jovens afegãos, especialmente nas áreas urbanas, pode explicar a resiliência do ISIS-K". Além disso, em áreas onde exerceu controle territorial, como em Nangarhar, o ISIS-K buscou estabelecer estruturas de governança rebelde, incluindo tribunais de Sharia, polícia religiosa (*hisbah*) e departamentos de educação e saúde (Jadoon e Mines 2023), iniciativas que remetem à lógica das rebeliões ativistas, na medida em que visam a construir legitimidade e enraizamento social.

Em suma, segundo a lógica de Weinstein, o ISIS-K é uma rebelião oportunista, mas que não dispensa capital ideológico e simbólico. Seu crescimento e sustentação dependem da oferta de incentivos materiais superiores e do uso da força bruta desvinculada do apoio popular, o que gera um ciclo de resistência civil e repressão. Contudo, sua dimensão híbrida se manifesta no uso de sua dotação social (ideologia Salafista) como um elemento de diferenciação entre outros grupos insurgentes para atrair combatentes estrangeiros e veteranos desiludidos de outros grupos concorrentes. A dotação econômica permanece, todavia, o elemento estruturante central do

grupo: é ela que viabiliza o recrutamento contínuo, financia a capacidade operacional e sustenta a coesão organizacional do ISIS-K.

Estratégias de recrutamento

Durante o conflito sírio, esforços sistemáticos foram empreendidos para atrair voluntários à filial do Khorasan, processo que ocorreu à margem do conhecimento do Talibã afegão. O recrutamento foi impulsionado pela promessa de glória e alta remuneração. Por exemplo, um fator decisivo para atrair combatentes para o ISIS-K eram os salários mais elevados (de 50% a 100% mais altos que os pagos pelo Talibã), melhores condições e equipamentos. Em razão disso, o ISIS-K tornou-se rapidamente popular entre os jovens locais, funcionando, em determinadas regiões, como a única fonte de emprego bem remunerado em dezenas de quilômetros (Giustozzi 2018).

Embora o apoio social obtido pelo ISIS-K na região do Khorasan tenha sido limitado em escopo, sua popularidade entre membros de organizações extremistas já estabelecidas foi suficiente para viabilizar uma expansão significativa ao longo de 2015 e 2016. Essa expansão se deu em termos numéricos, geográficos e políticos: o grupo conseguiu atrair inteiras organizações extremistas para seu entorno, embora em sua maioria pequenas, e estabeleceu alianças com uma ampla variedade de outras organizações (Giustozzi 2018). Tais resultados foram facilitados por atributos institucionais do próprio grupo, como sua reputação global, capacidade de relações públicas e disponibilidade de recursos, que não apenas atraíam combatentes, mas também os afastavam de movimentos militantes concorrentes. O ISIS-K soube explorar com eficácia as divisões internas entre grupos extremistas existentes, oferecendo incentivos financeiros e capitalizando sobre os ganhos militares do Estado Islâmico no Iraque e na Síria. Não obstante, embora combatentes estrangeiros estivessem presentes em suas fileiras, o fluxo de recrutamento foi descrito como um "gotejamento" gradual, e a destruição do califado territorial do ISIS não resultou em um influxo expressivo de combatentes para o Afeganistão (Giustozzi 2018; Doxsee e Thompson 2021).

Visando a ampliar seu alcance, o ISIS-K implementou o programa *"Cubs of the Caliphate"* ("Filhotes do Califado"), voltado ao recrutamento de crianças entre 6 e 16 anos. As crianças são submetidas a processos sistemáticos de doutrinação que incorporam aplicativos digitais, jogos eletrônicos integrados a narrativas antiocidentais, materiais didáticos de cunho propagandístico, discursos incendiários e exercícios de simulação (Lushenko, Van Auken e Stebbins 2019, 270).

Já no contexto pós-2021 de retomada do poder pelo Talibã no Afeganistão, o ISIS-K adotou uma abordagem ainda mais sofisticada para manter seu recrutamento. O grupo passou a buscar ativamente desertores experientes do Talibã, TTP e Al-Qaeda, ao mesmo tempo em que dedicou-se estrategicamente a jovens urbanos instruídos e estudantes universitários de Cabul e Jalalabad, os quais foram atraídos pela promessa de igualdade em contraposição ao foco nacionalista e tribal do Talibã (Jadoon e Mines 2023). Além disso, a propaganda digital do ISIS-K adaptou-se para explorar a incapacidade percebida do novo regime de governar com eficácia, anunciando e celebrando ataques contra infraestruturas críticas (como redes elétricas e petroleiras) com o objetivo de deslegitimar o governo Talibã perante a população. A propaganda do grupo passou a enfatizar, ainda, que o ISIS-K não carrega o "fardo" da administração territorial, incentivando "guerreiros urbanos" a realizar ataques nas ruas de Cabul ou Jalalabad e se dissolver entre a população civil (Jadoon e Mines 2023).

A disseminação dessa propaganda é realizada por meio de uma operação midiática altamente sofisticada, multidimensional e adaptativa, que funciona como ferramenta central de recrutamento, intimidação de adversários e propagação da ideologia transnacional do grupo. Sob a liderança de Shahab al-Muhajir, a produção de mídia expandiu-se rapidamente, passando a operar em árabe, pashto, dari, urdu, hindi, malaiala, uzbeque, tajique, russo, farsi e inglês (Jadoon e Mines 2023; Ibrahimi e Akbarzadeh 2019).

No âmbito das redes sociais, o Telegram é utilizado como principal canal de comunicação com afiliadas locais — como o canal Al-Qarar na Caxemira — e para a reivindicação de ataques em tempo quase real, ao passo que o X e o Facebook são explorados para a disseminação de panfletos e declarações (Lushenko, Auken e Stebbins 2019; Omarkhail e Guozhu 2023). A estação de rádio "*The Voice of the Caliphate*" transmite propaganda em todo o Afeganistão de forma quase diária desde 2015, complementando plataformas transregionais do ISIS, como a Al-Amaq, que amplificam os êxitos militares do ISIS-K a partir da Síria. Esse meio frequentemente é usado para reivindicar a autoria de ataques em até uma hora após sua execução, evidenciando uma coordenação prévia entre operações militares e comunicação estratégica (Lushenko, Auken e Stebbins 2019).

Ainda, o grupo lançou, em janeiro de 2022, sua própria publicação online intitulada *Voice of Khurasan* (VOK) e, até dezembro de 2024, haviam sido publicadas 42 edições da VOK (Ingram 2026). Para ilustrar o tipo de conteúdo da revista, a edição de abril de 2024, intitulada *Sibling Quarrel*, associa Israel e o Irã como irmãos odiados e inimigos do verdadeiro Islã sunita. Consoante Campbell, Bunker e Bunker (2024), o conteúdo geral da revista abrange desde instruções sobre como transferir *bitcoins* diretamen-

te para contas de captação online por meio de códigos QR e informações sobre canais de identificação no Telegram, até ameaças ao Ocidente e cerca de meia dúzia de ensaios, incluindo uma matéria de destaque com duras críticas ao Talibã.

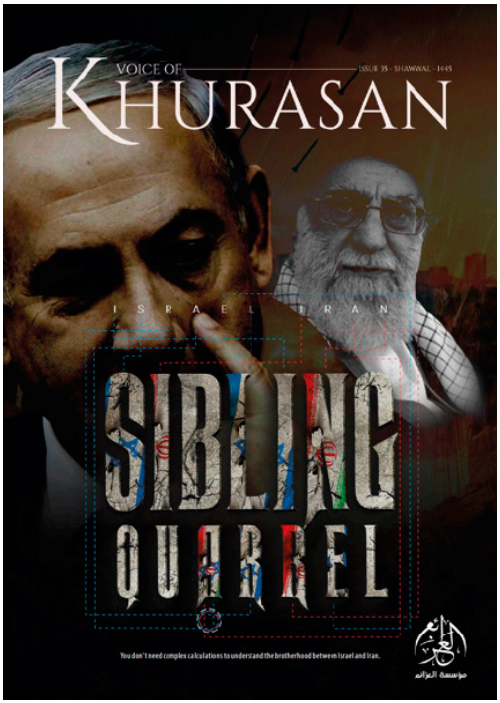


Figura 1 — Capa da edição de abril de 2024 da VOK.
Fonte: extraído de Ingram (2026, p. 28).

No plano ideológico, a propaganda do ISIS-K é deliberadamente construída para diferenciar sua "marca" de rivais como o Talibã e a Al-Qaeda. O grupo busca se projetar como uma organização autêntica, transnacional e ideologicamente intransigente, criticando seus oponentes por suposto conluio com governos vigentes. Sua campanha propagandística, veiculada por rádio, mídias sociais e panfletos, articula-se em torno de quatro eixos principais.

Primeiro, enfatiza a centralidade da jihad e o status especial da região de Khorasan em uma batalha apocalíptica futura. Segundo, recorre à literatura salafista para reivindicar legitimidade jihadista como recurso moral

e ideológico exclusivo. Terceiro, sublinha o caráter transnacional e sem fronteiras de sua jihad, destacando a diversidade de origens dos combatentes que integram o grupo. Quarto, investe de forma significativa na deslegitimação de grupos rivais, em particular o Talibã, acusado de seguir a escola islâmica Deobandi,[8] de adotar uma estratégia de cunho nacionalista, de se alinhar com atores regionais como o Paquistão e de mesclar o Islã com códigos tribais (Ibrahimi e Akbarzadeh 2019). Essa estratégia de diferenciação atraiu um número expressivo de jihadistas já ativos na região, desencadeando um processo de realinhamento de grupos e redes menores anteriormente filiados a outras organizações militantes.

Por fim, a mensagem do ISIS-K demonstra capacidade de alcançar também indivíduos ainda não integrados a outros grupos jihadistas, mas potencialmente receptivos a um projeto transnacional. O grupo mobiliza narrativas que romantizam a vida insurgente e enfatizam a obrigação religiosa da jihad, exercendo apelo especialmente sobre jovens afegãos em áreas urbanas. Como sintetizam Jadoon e Mines (2023, 23), a resiliência do ISIS-K deriva de sua capacidade de recrutar membros de grupos jihadistas experientes, diferenciar-se de seus rivais tradicionais e estabelecer laços operacionais sólidos com outras organizações — fatores que, em conjunto, lhe permitiram sobreviver e prosperar na região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou compreender a dinâmica entre o ISIS-K e a economia de guerra afegã, com ênfase nas estratégias de financiamento e recrutamento do grupo. A partir do arcabouço analítico proposto, foi possível evidenciar como o ISIS-K não constitui um fenômeno insurgente isolado, mas é o produto de uma confluência entre fragilidades institucionais locais, dinâmicas geopolíticas transnacionais e uma economia de guerra que o precede e o sustenta.

No que diz respeito ao contexto de origem, a análise demonstrou que o surgimento do ISIS-K foi viabilizado por uma combinação de fatores estruturais que atuaram de forma sinérgica: a crise de legitimidade e sucessão interna do Talibã, os deslocamentos transfronteiriços de militantes paquistaneses, os erros de cálculo estratégico do governo afegão e de lideranças tribais locais, e as vulnerabilidades socioeconômicas de uma população historicamente negligenciada pelo Estado. O desengajamento de grandes potências e as intervenções desestabilizadoras reconfiguram os incentivos para a violência política, e o caso do ISIS-K ilustra esse mecanismo com precisão. O grupo não emergiu apesar das estruturas existentes, mas por meio delas e nos vácuos por elas deixados.

No eixo da base material e dotações, os dados empíricos evidenciam que o ISIS-K construiu uma economia de guerra robusta e diversificada, ancorada na tributação coercitiva, na exploração de recursos naturais, no tráfico de opioides, na mineração ilícita e no financiamento externo proveniente de redes transnacionais. Essa abundância de dotações econômicas permitiu a oferta de salários superiores aos dos grupos concorrentes, atraindo recrutas motivados por incentivos materiais de curto prazo, ao mesmo tempo em que a independência em relação ao apoio popular favoreceu o uso de violência indiscriminada como instrumento de controle territorial. O cenário recente de 2025, marcado pela asfixia financeira e declínio operacional do grupo após o desmantelamento de suas redes de criptoativos, parece validar empiricamente essa centralidade, demonstrando que a perda da base material afeta diretamente sua capacidade de projeção.

Não obstante, a análise revelou igualmente a dimensão híbrida do grupo. A mobilização do salafismo-jihadista e a narrativa de um "Califado Global" funcionam como dotações sociais que conferem ao ISIS-K identidade ideológica própria, diferenciando-o de seus rivais e ampliando seu apelo para além dos incentivos materiais. A dotação econômica permanece, todavia, o elemento estruturante central, pois é ela que viabiliza o recrutamento contínuo, financia a capacidade operacional e sustenta a coesão organizacional do grupo.

Já as estratégias de recrutamento do ISIS-K revelaram-se diversas. O grupo combina incentivos financeiros com uma arquitetura de propaganda digital multidimensional, operando em mais de dez idiomas e por meio de múltiplas plataformas, com capacidade de segmentar públicos distintos e adaptar sua mensagem a contextos em transformação. No período pós-2021, diante da retomada do poder pelo Talibã, o ISIS-K reposicionou sua narrativa para explorar o descontentamento com o novo regime, direcionando-se especialmente a jovens urbanos instruídos e a desertores de grupos rivais. O programa *Cubs of the Caliphate* evidencia, ademais, a visão de longo prazo do grupo em relação à reprodução de sua base de combatentes. Em conjunto, essas estratégias demonstram que o ISIS-K opera não apenas como organização militar, mas como ator com capacidade de produção simbólica e comunicacional sofisticada.

Conclui-se, portanto, que, em termos teóricos, o caso do ISIS-K desafia a premissa de que a abundância de recursos econômicos necessariamente degrada a coesão ideológica de uma insurgência. O grupo demonstra que é possível operar em um modelo híbrido, onde a exploração de recursos locais e transferências transnacionais financia uma complexa arquitetura comunicacional e doutrinária. Disso decorre uma implicação direta: políticas de enfrentamento focadas exclusivamente no combate ideológico ou

na contrainsurgência militar falharão se não atacarem a base material que retroalimenta a insurgência. Enquanto a economia de guerra permanecer funcional e rentável, a restrição de um canal financeiro apenas forçará a adaptação a novos mecanismos extrativos, perpetuando o ciclo de violência política organizada.

REFERÊNCIAS

Amaral, Rodrigo. 2019. "The United States influence in Iraq's post-Sadaam reconfiguration of power: the maintenance of instability besides structural changes". *Carta Internacional* 14, no. 3: 168–91.

Basit, Abdul. 2025. *Is the Islamic State of Khorasan Province losing momentum?* thediplomat.com/2025/06/is-the-islamic-state-of-khorasan-province-losing-momentum/.

Campbell, Lisa, Pamela Ligouri Bunker, e Robert J. Bunker. 2024. "The Islamic State — Khorasan Province (ISK): an assessment of current operations". *Small Wars & Insurgencies*: 1–26. Doi.org/10.1080/09592318.2024.2388897.

Collier, Paul e Anke Hoeffler. 2004. Greed and grievance in civil war. *Oxford Economic Papers* 56, no. 4: 563–95.

Cooper, Neil, Michael Pugh, e Jonathan Goodhand. 2004. *War economies in a regional context: challenges of transformation.* Londres: Lynne Rienner Publishers.

Cramer, Christopher. 2002. "Homo Economicus Goes to War: Methodological Individualism, Rational Choice and the Political Economy of War". *World Development* 30, no. 11: 1.845–64.

Domingos, Anaíza de Carvalho. 2018. *A Tentativa de Construção do Califado: O Estado Islâmico e Suas Bases de Sustentação.* 133 f. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. dx.doi.org/10.14393/ufu.di.2018.942.

Doxsee, Catrina; Jared Thompson. 2021. *Examining Extremism: Islamic State Khorasan Province (ISKP). Islamic State Khorasan Province (ISKP).* www.csis.org/blogs/examining-extremism/examining-extremism-islamic-state-khorasan-province-iskp.

Duffield, Mark. 2001. *Global Governance and the New Wars: the merging of development and security.* Londres; Nova York: Zed Books.

Duffield, Mark. 2002. "War as a Network Enterprise: the new security terrain and its implications" *Cultural Values* 6, no. 1–2: 153–65. dx.doi.org/10.1080/1362517022019793.

Gerges, Fawaz A. 2021. *ISIS: A History*. Princeton: Princeton University Press.

Giustozzi, Antonio. 2018. *The Islamic State in Khorasan: Afghanistan, Pakistan and the New Central Asian Jihad*. New York: Hurst.

Giustozzi, Antonio. 2019. *The Taliban at War: 2001–2021*. London: Hurst.

Gomes, Aureo de Toledo e Michelle Mitri Mikhael. 2018. "Terror or Terrorism? Al-Qaeda and the Islamic State in Comparative Perspective". *Brazilian Political Science Review* 12, no. 1: 1-27.

Ibrahimi, Niamatullah e Shahram Akbarzadeh. 2019. "Intra-Jihadist Conflict and Cooperation: Islamic State–Khorasan Province and the Taliban in Afghanistan". *Studies in Conflict & Terrorism*. doi.org/10.1080/1057610X.2018.1529367.

Ingram, Haroro. 2026. *Voice of Khurasan: inside Islamic State Khurasan Province's English language magazine*. icct.nl/publication/voice-khurasan-inside-islamic-state-khurasan-provinces-english-language-magazine.

Jadoon, Amira e Andrew Mines. 2023. *The Islamic State in Afghanistan and Pakistan: strategic alliances and rivalries*. Londres: Lynne Rienner Publishers.

Kaldor, Mary. 2012. *New & Old Wars: organised violence in a global era*. Cambridge: Polity Press. 268 p.

Kalyvas, Stathis. 2001. "New and Old Civil Wars: a valid distinction?". *World Politics* 54, no. 1: 99–118.

Kotokey, Angana. 2024. "Afghanistan — the transnational connection between the Haqqani Network and the Arab world". *Small Wars & Insurgencies*: 1–27. doi.org/10.1080/09592318.2024.2338050.

Krause, Dino. 2025. "The Islamic State Khorasan's Province: terror plots in Europe". Danish Institute for International Studies (DIIS). *DIIS Report* 2025, no. 9.

Kurtulus, Ersun. 2011. "The 'New Terrorism' and its Critics". *Studies in Conflict & Terrorism* 34, no. 6: 476–500.

Lushenko, Paul, Lance Van Auken, e Garrett Stebbins. 2019. "ISIS-K: deadly nuisance or strategic threat?" *Small Wars & Insurgencies* 30, no. 2: 265–78. dx.doi.org/10.1080/09592318.2018.1546293.

Malešević, Sinisa. 2010. *The Sociology of War and Violence*. Cambridge: Cambridge University Press.

ODNI. Office of the Director of National Intelligence. 2026. *ISIS-Khorasan (ISIS-K)*. www.odni.gov/wp-content/uploads/dlm_uploads/CT-Guide-ISIS-K_508.pdf.

Omarkhail, Ihsanullah e Liu Guozhu. 2023. "The trajectory of Islamic State Khorasan Province and Afghan Taliban rivalry". *Small Wars & Insurgencies*: 1–24. Doi.org/10.1080/09592318.2023.2288450.

Osman, Borhan. 2016. "The Islamic State in 'Khorasan': How it began and where it stands now in Nangarhar". *Afghanistan Analysts Network*.

Peterson, Jenny. 2014. *Building a peace economy*. Manchester: Manchester University Press.

Rashid. Ahmed. 2001. *Taliban: the story of the Afghan warlords*. London: Pan Books.

Seawright, Jason e John Gerring. 2008. "Case selection techniques in case study research: a menu of qualitative and quantitative options". *Political Research Quarterly* 61, no. 2: 294–308.

Staniland, Paul. 2014. *Networks of rebellion: explaining insurgent cohesion and collapse*. Ithaca: Cornell University Press.

Staniland, Paul. 2024. "The evolution of civil wars research: from civil war to political violence". *Civil Wars* 25, no. 2–3: 187–207.

Stern, Jessica; J. M. Berger. 2015. *ISIS: the state of terror*. Londres: William Collins.

Strachota, Krzysztof. 2024. "Islamic State-Khorasan: global jihad's new front". OSW Commentary. Centre for Eastern Studies.

Vennesson, Pascal. 2008. "Case studies and process tracing: theories and practices". In *Approaches and Methodologies in the Social Sciences*, editado por Donatella Della Porta e Michael Keating. Cambridge: Cambridge University Press.

Weinstein, Jeremy. 2006. *Inside Rebellion: The Politics of Insurgent Violence*. Cambridge: Cambridge University Press.

ECONOMIAS DE GUERRA E GRUPOS INSURGENTES:
UM ESTUDO SOBRE O ESTADO ISLÂMICO-KHORASAN (ISIS-K)

RESUMO

Como economias de guerra contribuem para a sustentação de grupos insurgentes? Utilizando o Estado Islâmico-Khorasan (ISIS-K) como estudo de caso, o artigo analisa como intervenções externas e vácuos de poder contribuíram para criação de sistemas econômicos que financiam a violência política organizada. Argumentamos que uma economia de guerra formada por tais circunstâncias condicionou a atuação do ISIS-K, fornecendo recursos mediante tributação coercitiva, tráfico de opioides, mineração e redes transnacionais de doadores. A trajetória do ISIS-K demonstra também que a disponibilidade de recursos permitiu a implementação de um modelo de recrutamento baseado em incentivos financeiros e salários elevados, mas que se combinam com elementos de natureza ideológica e simbólica. Os resultados indicam que o grupo não apenas explora a economia de guerra local, mas a retroalimenta, criando um ciclo onde a violência se torna o próprio mecanismo de sustentação material. Assim, sugere-se que esforços de construção da paz serão insuficientes se não desarticularem variáveis econômicas que tornam a guerra um sistema rentável.

Palavras-chave: Economia de Guerra; Grupos Insurgentes; Financiamento; Estado Islâmico-Khorasan

ABSTRACT

In what ways do war economies contribute to the sustenance of insurgent groups? Using the Islamic State-Khorasan (ISIS-K) as a case study, this article analyzes how external interventions and power vacuums have contributed to the development of economic systems that finance organized political violence. We argue that ISIS-K's operations were shaped by a war economy conditioned by such circumstances, which provided resources through coercive taxation, opioid trafficking, mining, and transnational donor networks. ISIS-K's trajectory also demonstrates that the availability of resources enabled the implementation of a recruitment model based on financial incentives and high salaries that nevertheless combine with ideological and symbolic elements. Our findings suggest that the group exploits the local war economy and feeds back into it, creating a cycle in which violence becomes a means of material sustenance. Thus, our study indicates that peacebuilding efforts will be insufficient unless they dismantle the economic systems that make war profitable.

Keywords: War Economy; Insurgent Groups; Financing; Islamic State-Khorasan

Recebido em 26/05/2026. Aceito para publicação em 29/10/2026.

NOTAS

1. Em 4 de março de 2022, o ISIS-K realizou atentado terrorista suicida em mesquita xiita em Peshawar, matando 56 pessoas e ferindo 194 outras. Posteriormente, em 29 de julho de 2023, o grupo realizou outro atentado suicida durante uma manifestação política, ceifando a vida de 63 pessoas e ferindo outras 123 na cidade de Khar (ODNI 2026).
2. Em Kerman, o ISIS-K desferiu ataque durante a cerimônia em memória do líder iraniano da Força Quds da Guarda Revolucionária Islâmica Qassim Soleimani, matando mais de 80 pessoas (ODNI 2026).
3. Em Moscou, quatro membros do ISIS-K atacaram pessoas que assistiam show no Crocus City Hall. O atentado custou a vida de 144 pessoas, além de ferir outros 500 indivíduos (ODNI 2026).
4. A política de desbaathificação consistiu na remoção de membros do partido Baath, de Sadam Hussein, das estruturas governamentais do Iraque. Para maiores detalhes, ver Amaral (2019).
5. Fundada por Jalaluddin Haqqani na década de 1970, a Rede Haqqani é um grupo insurgente transnacional que ganhou notoriedade durante a guerra contra a União Soviética nos anos 1980 no Afeganistão, mas que hoje apresenta conexões ideológicas, financeiras e políticas com outros países do mudo árabe. Embora seja ligada ao Talibã, a rede conseguiu manter elevado grau de autonomia operacional e financeira. Para maiores informações, ver Kotokey (2024).
6. Aproximadamente US$ 0,72 a US$ 1,80, em cotação de 22 de setembro de 2026.
7. Aproximadamente US$ 15,70, em cotação de 22 de setembro de 2026.
8. Um dos fundamentos religiosos do Talibã é oriundo da escola Deobandi, ramo do Islã sunita Hanafi que surgiu na Índia com o intuito de resistir à colonização britânica e reformar a religião. Para maiores detalhes sobre como essa doutrina influenciou e foi distorcida pelo Talibã, ver Rashid (2001).